

**OBSERVATÓRIO CONTRA A FRAUDE****A elite e a sociedade**

Creio que todos reconhecemos que a maioria dos dirigentes partidários, ministros, deputados e autarcas têm sido do tipo “chico-espertos”

**Óscar Afonso**

Pensar na sociedade portuguesa pelo menos no pós-adesão à então CEE, em 1986, é pensar numa sociedade progressivamente mais injusta, assente na consolidação de uma elite medíocre que, como *modus operandi*, impôs a cultura da cunha, do amiguismo, do clientelismo e do compadrio. Recentemente, o assunto adquiriu importância com mais um caso – o BESgate. Sendo a elite o modelo para a maioria da população, desde logo pela visibilidade pública, acabou por influenciar negativamente o resto da sociedade. É verdade que há portugueses notáveis em todas as áreas, mas na política, que comanda, acabamos quase sempre a observar envolvimento em nome de um “bem maior”: o próprio interesse e a agenda pessoal.

Começando então pela política e especificando um pouco mais, creio que todos reconhecemos que a maioria dos dirigentes partidários, ministros, deputados e autarcas têm sido do tipo “chico-espertos”. Qual o que claramente não beneficiou do cargo? Dirão que num regime democrático, como o nosso, o problema é resolvido pelo voto. A verdade é que não é. Face à respectiva mediocridade, quem compõe os partidos políticos criou barreiras à entrada que limitaram a participação política dos restantes cidadãos. Resultado: os partidos fecharam-se, evitaram a reflexão política e rechearam-se de “malta” sem sentimento patriótico, que desvaloriza o trabalho e o conhecimento, que vive à custa da dependência do Estado e que convive bem com as desigualdades sociais. Políticos que, entre si, têm distribuído os cargos públicos para pagar favores e fidelidades, impedindo a renovação e a ascensão da competência. Políticos que retaliam quando necessário sobre quem não se submete. Políticos que confundem interesses privados e públicos; quantos deputados estão ligados a gabinetes de advogados com interesses no Estado ou como representant-

tes de empresas, por exemplo? Políticos que não representam os cidadãos e por causa dos quais paira o sentimento de que tudo o que é Estado é desperdício. Políticos medíocres e incompetentes que se auto-reproduzem, e muito associados a organizações secretas. Não foi, por isso, nada estranha a humilhação do último pedido de ajuda externa para evitar a bancarrota, como não são estranhos os casos de uso ou apropriação ilícita de bens públicos.

Depois há a elite económica, que se foi confundindo com a política. Naturalmente que a iniciativa privada tem um papel decisivo no progresso do país. No entanto, numa economia de mercado, pensar-se-ia que a maioria dos empresários estivesse mais disposta a correr riscos, apostasse na sustentabilidade das empresas e evitasse apoios do Estado. Mas não! Todos os anos, numa espécie de capitalismo de compadrio, uma fatia do Orçamento do Estado tem sido usada para apoiar lamúrias de empresários ricos e até extravagantes que apenas investem com lucros garantidos pelo Estado.

Também a elite artística não pára de reclamar subsídios. Distante da sociedade mas próxima dos políticos apoiados, só esporadicamente vai de encontro aos desejos de quem efectivamente a suporta, com impostos.

Finalmente, as elites profissionais tendem a entender as suas funções numa perspectiva corporativa, pelo que os seus interesses particulares sempre se sobrepõem. Em suma, a elite política

foi usando o Estado para se proteger e proteger as outras elites e, quando necessário, usou as outras elites protegidas pelo Estado.

Neste cenário, acabou por se desenvolver uma sociedade com mentalidade fatalista, pouco empreendedora, de baixas qualificações escolares e profissionais, de remediados que se contentam com migalhas, de pobres que se contentam com esmolas, e que tolera (e curiosamente até valoriza) os que se apropriam dos bens colectivos, os que vivem bem à custa de esquemas e os corruptos. Uma sociedade onde a economia paralela não pára de se desenvolver e que pensa logo em emigrar, desistindo do país, quando as coisas correm mal.

Felizmente é também fácil descobrir inúmeros portugueses notáveis em todas as áreas. O problema é que a maioria ou não cabe em Portugal e vive fora, ou não tem visibilidade pública e, portanto, é socialmente pouco influente. Acredito que um dos grandes contributos para a resolução de muitos problemas de Portugal passa por dar outra visibilidade àqueles que são dignos, de forma a garantir a persistência de todos, e por estimular novas atitudes, novos comportamentos sociais, novos compromissos com o bem comum e uma nova justiça social.

*Escreve à sexta-feira*

**Sociedade portuguesa pós-adesão à CEE é mais injusta****SESSÕES CONTINUAS****LAURO ANTÓNIO****Primaveras de pesadelo**

Percebia-se há uns tempos que, por detrás das primaveras árabes, se iriam debater várias concepções do mundo. Os mais ingénuos (ou os mais mal-intencionados) saudaram o grito de liberdade de multidões que proclamaram publicamente a sua oposição a vários ditadores. Diversas praças no Norte de África e no Médio Oriente se encheram de milhares de cidadãos que os ocidentais julgaram estar a lutar pela liberdade e a democracia. Não seria difícil de prever que, por detrás desses manifestantes, se encontrassem organismos organizados que procuravam manipular as multidões no seu interesse. Os ocidentais julgaram que as suas agências de intelligence eram as mais fortes e embandeiraram em arco, tendo em vista os resultados finais. Nunca me pareceu que assim fosse. Havia sinais mais do que evidentes de que os radicalistas árabes estavam a preparar o golpe e a idealizar algo semelhante ao califado que agora anunciam. Sem grande surpresa se descobriu que se saía de múltiplas ditaduras para se entrar num regime de terror. O Estado Islâmico aí está para o confirmar. Com fanatismos religiosos como bandeira para explicar o inexplicável.

Não se acredita muito bem que qualquer político medianamente informado não tivesse consciência dos perigos que se adivinhavam. Tornou-se claro que, hoje em dia, não há manifestações espontâneas. Em Portugal, por exemplo, viu-se isso. Houve um 15 de Setembro, mas a 16 do mesmo mês já tudo estaria devidamente integrado em várias organizações que iriam pensar por nós o que seria melhor para o País. Partidos políticos, forças sindicais, estruturas “espontâneas” que brotaram “livremente” da manifestação já tinham as suas palavras de ordem bem estudadas e os seus propósitos finais bem definidos para futuras demonstrações públicas. O drama é que existe uma percentagem significativa de cidadãos que não gosta da liberdade, que não quer pensar por si, que adora ser conduzida em manada ao som de slogans bem programados. De repente descobrem que elegeram um Hitler, e muitos continuam a aceitar. Outros encontram-se perante um “tarde demais”. *Escreve à sexta-feira*